

REFLEXÃO CRÍTICA EM *PASSAGENS*, DE TEOLINDA GERSÃO

Critical reflection in Passagens, by Teolinda Gersão

SOARES, Luisa¹, SILVA, Jéssica², LUÍS, Carla³, & AMARANTE, Natália⁴

Resumo

Este estudo tem como objetivo fazer uma análise de alguns dos principais temas abordados no romance *Passagens*, da escritora contemporânea Teolinda Gersão, sendo eles a memória, a identidade, o fingimento e o papel da mulher na sociedade. *Passagens* é um livro com pluralidade de vozes e de memórias, tendo como principal plano de fundo o velório de Ana, a matriarca da família, em que ela, a sua família e os seus amigos tentam redescobrir as memórias familiares, além de levantar discussões sobre temas importantes e atuais, como a maternidade, a efemeridade da vida, a velhice, o suicídio e o simulacro da vida. Pelo método hermenêutico, com a ajuda do arcaboço teórico, procuraremos ampliar a compreensão do romance e as suas possíveis interpretações. As principais fontes teóricas serão: *A identidade cultural da pós-modernidade*, de Stuart Hall (2006), *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*, de Judith Butler (2003) e *Tempo e Narrativa*, de Paul Ricouer (1997).

Abstract

This study aims to make a small analysis of some of the main themes present in the novel *Passagens*, by the contemporary writer Teolinda Gersão, being them the memory, identity, pretense and the role of women in society. *Passagens* is a book with a plurality of voices and memories, having as its main background the wake of Ana, a family matriarch, in which she, her family and friends try to rediscover the family memories, in addition to thinking about important matters and acts, as motherhood, ephemerality of life, old age, suicide and simulacrum of life. Through the hermeneutic method, with the help of the theoretical framework, we will try to broaden the understanding of the novel and its possible interpretations. The main theoretical sources will be: *A identidade cultural da Pós-modernidade*, by Stuart Hall (2006), *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*, by Judith Butler (2003) and *Tempo e Narrativa*, by Paul Ricouer (1997).

Palavras-chave: *Identidade; Memória; Passagens; Simulacro; Teolinda Gersão.*

Key-words: *Identity; Memory; Passagens; Simulacrum; Teolinda Gersão.*

Data de submissão: janeiro de 2024 | **Data de publicação:** março de 2024.

¹ MARIA LUÍSA DE CASTRO SOARES - Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, PORTUGAL: email: lsoares@utad.pt

² JÉSSICA BAIÁ MORETTI DA SILVA - Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, PORTUGAL: email: jessica.bm5@hotmail.com

³ CARLA SOFIA XAVIER LUÍS- Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, PORTUGAL: email: cxavier@ubi.pt

⁴ MARIA NATÁLIA AMARANTE- Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, PORTUGAL: email: namarant@utad.pt

INTRODUÇÃO

Teolinda Maria Sanches de Castilho Gersão Gomes Moreno, a autora de *Passagens* é uma das mais reconhecidas escritoras portuguesas contemporâneas tendo nascido em Coimbra em 1940. O seu repertório bibliográfico é composto por catorze livros de ficção que foram traduzidos em onze línguas, sendo eles: *O silêncio* (1981), *Paisagem com mulher e mar ao fundo* (1982), *História do homem na gaiola e do pássaro encarnado* (1982), *Os guarda-chuvas cintilantes* (1984), *O cavalo de sol* (1989), *A casa da cabeça de cavalo* (1995), *A árvore das palavras* (1997), *Os teclados* (1999), *Os anjos* (2000), *Histórias de ver e andar* (2002), *O mensageiro e outras histórias com anjos* (2003), *A mulher que prendeu a chuva* (2007), *A cidade de Ulisses* (2011), *Os teclados e três histórias com anjos* (2012), *As águas livres* (2013), *Passagens* (2014) e *Amores, prantos e outros desvarios* (2016) e *Atrás da Porta e outras Histórias* (2019). Ela estudou nas universidades de Coimbra, Tübingen e Berlim nas quais se formou em germanística e anglística. Atualmente, dedica-se exclusivamente à escrita, mas foi professora de Língua Alemã e Literatura Comparada na Universidade Nova de Lisboa até 1995. A experiência de ter vivido em diferentes países (Alemanha, Brasil, Moçambique e Portugal) contribuiu para a visão de mundo ampla e heterogénea que é evidenciada nas suas obras literárias e contribui para o enriquecimento das narrativas. Gersão foi distinguida por meio de vários prémios, estando entre os prémios recebidos: o Prémio de Ficção do PEN Clube, recebido por dois romances (*O silêncio*, 1981, e *O cavalo de sol*, 1989), o Grande Prémio de Romance e Novela da APE (*A casa da cabeça de cavalo*, 1995), o Prémio Fernando Namora (*Os teclados*, 1999), o Grande Prémio do Conto Camilo Castelo Branco (*Histórias de ver e andar*, 2002), o Prémio Máxima de Literatura (*A mulher que prendeu a chuva e outras histórias*, 2008), o Prémio da Fundação Inês de Castro (2008), o Prémio Ciranda e o Prémio da Fundação António Quadros (*A Cidade de Ulisses*, 2011) e o Prémio Fernando Namora (*Passagens*, 2014).

Passagens, o romance analisado neste estudo foi publicado pela primeira vez pela editora Sextante em 2014 e é dividido em três capítulos: “Ponto de encontro”, “Noite” e “A cerimónia”. No primeiro capítulo, o narrador heterodiegético em terceira pessoa apresenta a personagem Ana, uma idosa que toma conhecimento de que está rodeada de flores na sua própria cerimónia fúnebre. Então, Ana vê que muitos dos seus familiares e conhecidos estão no seu funeral, e falam sobre ela, buscando memórias de quando ela estava viva. Logo após a apresentação do contexto e do estado de Ana, a narração passa

a ser em primeira pessoa e as figuras ali presentes vão sendo apresentadas. Uma dessas figuras é Marta, a filha de Ana, a personagem principal e que mais possui falas no romance.

O romance apresenta uma diversidade de vozes, uma vez que cada personagem presente na cerimónia rememora momentos passados com Ana e os relata de forma a possibilitar que o leitor conheça Ana e as demais personagens. Assim, memórias, segredos, ponderações e confissões familiares são evocados, e diversos temas atuais são abordados. O que une as diversas vozes presentes no romance é o espaço físico do velório e o facto de os diálogos que surgem na cerimónia terem como ponto de partida a personagem Ana.

O segundo capítulo denominado “Noite” ocorre à noite, quando as pessoas já se haviam retirado e a consciência de Ana desdobra-se em duas identidades (Ana 1 e Ana 2), como se o seu corpo se tivesse desprendido do espírito e corpo e espírito pudessem dialogar numa espécie de solilóquio pós-morte. Então, Ana rememora muitos dos principais acontecimentos da sua vida e revela segredos da sua família, como o casamento da mãe Olímpia, que havia sido um simulacro, uma vez que o seu pai era irresponsável, ausente e abusivo, mas a sua mãe negava-se a assumir tal realidade. Além disso, ela fala sobre as suas experiências no lar de idosos e os sentimentos de solidão e de abandono que lá vivenciou, ressaltando o facto de ter simulado Alzheimer para poupar a família de ter de cuidar dela.

O terceiro e último capítulo denominado “A cerimónia” apresenta a volta dos familiares e os últimos momentos do funeral. Nesse capítulo, são tecidas importantes discussões e reflexões acerca da maternidade, do sentido da vida e da morte sob os pontos de vista biológico, filosófico e existencial. Assim, os três capítulos apresentam discussões relacionadas com assuntos relevantes e atuais, que permitem que o leitor conheça o posicionamento crítico da escritora e, ao mesmo tempo, seja levado a refletir acerca de tais assuntos.

Com a ajuda do arcaboço teórico, será buscado, neste estudo, ampliar a análise do romance e contribuir para uma compreensão mais ampla da obra de Teolinda Gersão.

Identities

No capítulo “Noite”, a personagem Ana tem a sua identidade fragmentada em duas (Ana 1 e Ana 2) e dialoga consigo mesma numa espécie de solilóquio póstumo em que ela rememora a sua vida e os segredos da sua família. Quando Ana dialoga com Ana 2, pensa estar a dialogar com a sua irmã Laura que faleceu quando ainda era criança:

Às vezes, quando falamos, tenho a sensação de que me desdobro numa irmã e que a nossa cumplicidade é total. De algum modo também és Laura, a minha irmã mais velha, que morreu de febre tifóide na infância. Guardei sempre a memória dela, falava-lhe quando falava comigo (Gersão, 2014: 84).

Ana 2 é, portanto, o desdobramento da identidade de Ana, tendo a função de manter a memória da sua irmã e de lidar com a sua dolorosa ausência, o que aponta para a fragmentação das identidades, uma característica muito presente na literatura contemporânea. Acerca da fragmentação das identidades na atualidade, é importante citar o sociólogo Stuart Hall que, em *A identidade cultural da pós-modernidade*, problematiza esse tema:

Um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX. Isso está fragmentando as paisagens culturais que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade. Estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a ideia de que temos de nós próprios como sujeitos integrados. Esta perda de um “sentido de si” estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento ou de descentração do sujeito. Esse duplo deslocamento-descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos constitui uma “crise de identidade” para o indivíduo. (Hall, 2006: 09).

Entende-se, desta forma, que a identidade cultural na pós-modernidade passa por uma crise que faz parte de um processo mais amplo de mudança. As velhas identidades fixas, unificadas e baseadas no essencialismo estão em declínio; o sujeito passa a ser fragmentado e descentrado. O ser humano da pós-modernidade ainda está confuso acerca dos novos rumos tomados pela sociedade. Ele sente-se deslocado e possui várias identidades, como observamos na personagem Ana que, por meio do simulacro, cria novas identidades para si, sendo uma delas a de uma pessoa com Alzheimer.

Memórias

A memória é o principal elemento que constitui o enredo de *Passagens*, uma vez que o romance é constituído pelas rememorações familiares suscitadas durante a cerimónia fúnebre de Ana. As personagens buscam, por meio da memória, reviver momentos que passaram com Ana e justificar escolhas e atitudes do passado. Assim, os mistérios e conflitos da família vão sendo revelados e temas importantes são discutidos, como observamos no seguinte excerto em que Marta, a filha de Ana, discute a questão das memórias familiares: “Os segredos das famílias. As mentiras, as histórias falsas, que dão origem a memórias falsas. Os grandes erros que alguém comete, e são pagos pelas gerações seguintes. Mesmo que se queira apagá-los, silenciá-los, estão lá. E voltam à superfície para serem pagos.” (Gersão, 2014: 74). Assim, a autora aponta para o facto de que mentiras e histórias falsas podem gerar memórias, igualmente falsas, que são transmitidas para as gerações futuras.

No capítulo 2, Ana 2 faz uma importante reflexão concernente à memória: “A memória é uma coisa prodigiosa. Lembramo-nos de tudo, lugares, objetos, cheiros, lembramo-nos da luz, de pormenores ínfimos, de coisas aparentemente tão sem importância que as julgávamos esquecidas” (Gersão, 2014: 83). Portanto, a memória é algo de elevada relevância, que permite reviver uma infinidade de acontecimentos e de objetos que fizeram parte do nosso passado, mesmo que eles não tenham mais nenhuma importância. No entanto, é importante salientar que a memória nunca pode recobrir os factos do passado de forma completa, pois ela é influenciada pelas circunstâncias posteriores a tais factos e ao meio social, como defende Paul Ricoeur em *Tempo e Narrativa*, em que ele afirma que as lembranças são afetadas pelo tempo e por ele alteradas; assim, são elas que permitem “voltar a subir a encosta de nossa vida passada para nela buscar determinada imagem.” (Ricoeur 1997: 44). Desta forma, as lembranças sofrem um processo de modificação de cada vez que surgem, visto que as pessoas selecionam imagens do passado de acordo com os sentimentos e as circunstâncias do presente. Na lógica deste contexto, as memórias familiares suscitadas no velório de Ana não são, portanto, plenamente verdadeiras, uma vez que foram modificadas pelo tempo, pelas circunstâncias e pelos sentimentos.

O teatro da vida

Passagens é um romance permeado por características do género dramático, o que é evidenciado, principalmente, na sua estrutura, em que os diálogos são antecipados pelo nome da personagem interlocutora. Além disso, o fingimento e a simulação estão presentes durante todo o romance. A personagem principal, Ana, é uma grande amante do teatro e exímia atriz, que consegue convencer todas as pessoas à sua volta de que tem Alzheimer. Ana foi marcada pelo fingimento desde a sua infância, pois os seus pais viviam um casamento falso, em que a sua mãe fingia estar satisfeita com o marido, mesmo sofrendo num relacionamento abusivo.

Simular o Alzheimer foi uma libertação para Ana, que não queria causar sofrimento à sua família e ao mesmo tempo foi uma forma de testar as suas habilidades como atriz, como é verificado no seguinte excerto: “Não suportava que perdessem as suas vidas comigo. Simular Alzheimer foi a libertação que encontrei para eles. À falta de outra. E, curiosamente, deixei de sentir o mesmo tédio. Agora pelo menos também eu tinha alguma coisa a fazer: um papel a representar.” (Gersão, 2014: 81).

A palavra “representava” é repetida várias vezes por Ana e por Marta ao falarem sobre pessoas da família, ressaltando o facto de que a vida é um grande teatro, em que se procura ser aceite conforme os padrões sociais, como no seguinte excerto em que Marta fala sobre o fingimento do seu avô: “Mas em algum momento deveria ter-lhe ocorrido que ele não representava a família, nem abria passagem para ela. Ele apenas *representava*.” (Gersão, 2014: 71).

A mulher em *Passagens*

O papel da mulher na sociedade e a maternidade são alguns dos temas mais recorrentes em *Passagens*, sendo abordados, principalmente, pelas personagens Ana e Marta, tornando importante que aqui seja feita uma breve contextualização histórica e teórica desses temas.

Durante muito tempo, as mulheres foram consideradas inferiores intelectualmente pela sociedade patriarcal, foram privadas da escrita e até mesmo da alfabetização. Quando escreviam e tentavam divulgar seus os escritos, sofriam o preconceito por parte das gráficas, dos críticos e do público leitor. A forma de ganhar êxito com suas obras literárias era usar pseudónimos masculinos como usava a escritora britânica Jane Austen no XVIII. Na grande maioria dos livros que circulavam, a representação da mulher era feita em

conformidade com os estereótipos patriarcais. A mulher era representada como pura, indefesa e submissa ou, opostamente, como pecadora, imoral e traiçoeira. As personagens femininas, apesar de não serem poucas e de muitas serem protagonistas ou coadjuvantes, eram representadas de acordo com os estereótipos patriarcais.

No livro *Problemas de Gênero* (2003), Judith Butler, proeminente filósofa feminista, argumenta que a mulher foi durante muito tempo, erroneamente, representada na literatura, visto que o discurso do outro é apenas uma versão com objetivos específicos e não pode ser uma representação fiel. As escritoras femininas nunca tiveram falta de público leitor, mas sim falta de reconhecimento por parte dos críticos literários devido ao forte patriarcalismo existente. Em *A literature of their own; British women novelists from Bronte to Lessing* (1985), Elaine Showalter afirma que, com a popularização dos livros de autoria feminina, os críticos literários tiveram dificuldade para avaliar essas obras pelo facto de considerarem que as escritoras femininas tinham tendência a expandir a sua própria cultura e estereótipos femininos para os seus livros. Devido a isso e ao preconceito, as obras femininas foram impedidas de estar no cânone literário durante muito tempo e, apesar de hoje as obras de autoria feminina serem reconhecidas, ainda o são em menor número que as de autoria masculina.

Foi somente com o surgimento da crítica feminista, em 1970, que obras de autoria feminina até então ignoradas foram redescobertas, valorizadas e discutidas pela crítica literária. Acerca da tradição patriarcal que excluía as mulheres do cânone literário, Lúcia Osana Zolin (2012), em *Teoria Literária: Abordagens históricas e tendências contemporâneas*, afirma que:

Historicamente, o cânone literário, tido como um perene e exemplar conjunto de obras-primas representativas de determinada cultura local, sempre foi constituído pelo homem ocidental, branco, de classe média /alta; portanto, regulado por uma ideologia que exclui os escritos de mulheres, das etnias não-brancas, das chamadas minorias sexuais, dos segmentos sociais menos favorecidos etc. Para a mulher inserir-se nesse universo, foram precisos uma ruptura e o anúncio de uma alteridade em relação a essa visão de mundo centrada no logocentrismo e no falocentrismo. (Zolin, 2012: 327).

No seu livro intitulado *Desconstruindo a opressão: a imagem feminina em A república dos sonhos de Nélida Pinõn*, Zolin afirma que o trabalho de resgate da produção literária de autoria feminina, relegada ao esquecimento, tem fundamental importância, pois releva mulheres conscientes do seu estado de oprimidas e mulheres que são inconformadas com a opressão patriarcal. No excerto abaixo, a autora discorre acerca do resgate da produção literária feminina:

Trata-se de escritoras que, tendo em vista a mudança de mentalidade descortinada pelo feminismo em relação à condição social da mulher, lançam-se no mundo da ficção, até então genuinamente masculino, engendrando narrativas povoadas de personagens femininas conscientes do estado de dependência e submissão a que a ideologia patriarcal relegou a mulher. (Zolin, 2012: 255).

Baseando-se nos conceitos de Elaine Showalter, Zolin, divide a literatura de autoria feminina basicamente em três grandes fases: fase feminina, em que as autoras imitavam a escrita dos escritores masculinos, de forma a internalizar os valores e padrões vigentes; fase feminista, marcada por protestos e críticas à opressão feminina e fase fêmea, na qual há a autodescoberta e uma busca da própria identidade.

A história atesta que a escrita feminina sempre foi uma forma de libertação das amarras do patriarcalismo e uma forma de construir a própria identidade. A literatura de autoria feminina, principalmente a contemporânea, questiona e problematiza a representação da mulher, o papel da mulher na sociedade e o patriarcalismo. A partir da década de 70 do século XX, as mulheres ganharam maior proeminência na produção literária mundial, tornando possível que a voz feminina possa ser ouvida. Os padrões patriarcais de representação feminina são rompidos para dar lugar à construção da identidade feminina emancipada. Baseando-se na teoria exposta acima, é possível concluir que a literatura de autoria feminina contemporânea é fundamental para que a produção artística se vincule aos problemas socioculturais e denuncie todo o tipo de opressão.

Aspetos psíquicos de personagens da literatura contemporânea de autoria feminina são a dependência, a vingança, a solidão, o que reflete o estado da mulher moderna. Nesse sentido, Antonio de Pádua Dias da Silva afirma que, mesmo numa sociedade onde o discurso é de emancipação feminina, muitas mulheres ainda se mantêm dependentes de um homem, como é observável no excerto a seguir:

As sociedades de base patriarcal ou falocêntrica construíram esse mito da dependência da mulher em relação ao homem. Esse discurso foi tão bem articulado em imagens constituintes de nossa herança antropológica que as estruturas do inconsciente ou imaginário coletivo não foram redimensionadas ao logo dos últimos séculos no que tange as questões de gênero. Mesmo vivendo numa época em que os discursos em favor de liberação, emancipação e liberdade das mulheres e demais categorias antes *oprimidas* pelos homens são constantes e penetram com maior força que em outras épocas nos debates em torno da questão, parte das mulheres ainda continua presa – muitas têm consciência do fato – ao regime da dependência. (Silva, 2015: 4).

Tal realidade é apresentada em *Passagens*, principalmente, por meio da história da mãe de Ana, uma mulher que muito sofreu com um marido abusivo e violento, mas que o tolerava por sentir-se dependente dele, como o demonstra o seguinte excerto em que Ana fala sobre a sua mãe:

Ana 1

e ela fingia acreditar que era feliz assim, porque não era capaz de viver sem ele

Ana 2

Dependia dele, precisava dele,

Ana 1

não podia passar sem a sua presença, os seus braços, o seu corpo, os seus beijos, o seu sexo, (...) (Gersão, 2014: 96).

Como pode observar-se pelo excerto acima, apesar de todo o sofrimento causado pelo marido, Olímpia tinha uma relação de total dependência dele, sendo essa dependência algo intrínseco e decorrente da influência do discurso da sociedade patriarcal da qual ela fazia parte. Ana cita, também, as violências psicológicas e físicas que a sua mãe sofria por parte do marido, mas que se negava ver:

Confrontei a minha mãe com isso, mas ela desvalorizou. Oh, não, eram pequenas discussões domésticas como as de todas as famílias. Então e quando uma vez o meu pai atirou uma travessa para o chão, porque aquela não era comida que se apresentasse a um homem como ele? A minha mãe ignorou a pergunta e divagou: Um homem como ele, disse ela mostrando-me uma fotografia. (Gersão, 2014: 86).

Ou ainda:

Noutros sonhos o pai gritava e batia na mãe e ela chorava, e ele saía de casa e demorava muitos dias a voltar, e depois voltava e ela assinava e ele transformava-se e ficava outra vez como era e trazia-lhe presentes, e ela acabava por perdoar-lhe e faziam outra viagem. (Gersão, 2014: 95).

Como pode verificar-se pelos excertos apresentados, Olímpia sofria de violência psicológica e física, mas como grande parte das mulheres que são vítimas, fingia estar tudo bem e continuava com o marido sem nem mesmo queixar-se por temer o julgamento da sociedade. A história pessoal de Olímpia pode ser interpretada como uma representação da história de muitas mulheres que passaram ou passam por situações semelhantes às dela. Sendo assim, o romance *Passagens* é uma importante forma de dar voz às mulheres oprimidas e silenciadas, além de conduzir os leitores à reflexão acerca desse assunto que é tão importante e atual.

O romance também discute o facto de que, quando um bebé nasce, na maioria das vezes, a responsabilidade da mulher na sua criação é maior que a do homem, como é constatado nas seguintes falas de Marta:

E só depois o pai entra, no seu fato normal, quando tudo já está passado, e vê a mulher e o filho e recebe felicitações, como se tudo lhe tivesse custado imenso esforço (Gersão, 2014: 54).[...] E eu enchia-me de fúria e o meu corpo diminuía de tamanho, dia a dia tornava-me cada vez mais fraca e mais pequena, enquanto o pai, o adulto, desertava (Gersão, 2014: 55).

Por meio dos dilemas de Marta, o romance denuncia algo que é muito comum na sociedade patriarcal: a mulher estar sobrecarregada com os deveres da maternidade enquanto o homem exerce uma paternidade quase ausente, sendo esse um dos aspetos que tornam a maternidade algo demasiado cansativo.

Ainda no que diz respeito ao facto de as mulheres estarem sobrecarregadas na atualidade, o romance cita o quanto é difícil para as mulheres possuírem tantas responsabilidades ao mesmo tempo:

A vida é complicada, há demasiada pressão sobre as mulheres, exigem-lhes tudo, e tudo ao mesmo tempo. É natural que possam fraquejar. Mas não foram elas próprias que quiseram isso, família, emprego, marido, filhos, carreira? Escolheram tudo, e agora queixam-se de que é uma carga excessiva. (Gersão, 2014: 60).

Ou:

O António revelara-se tal muito mais do que isso. E podia carregar o Hugo sozinho. Afinal eu era forte, descobria. (Gersão, 2014: 62).

E, mais adiante, para ilustrar a mesma ideia:

Até há alguns anos os homens delegavam esse papel inteiramente nas mães, que ficavam confinadas ao mundo interior da casa. Agora elas saíram de casa e os homens participam mais e dão mais apoio, mas em partes desiguais, e a vida deles é mais fácil. (Gersão, 2014: 177).

Os excertos supracitados são referentes às falas de Marta, que refletem acerca do excesso de responsabilidades da mulher moderna que, apesar de ter sido inserida no mercado de trabalho, ainda tem que desempenhar as tradicionais tarefas femininas, como ser boa mãe e esposa. Segundo a personagem Marta, onde se desvela a voz autoral, todas essas exigências tornam a mulher sobrecarregada e cansada, mas é difícil ter de escolher entre uma responsabilidade e outra. No último excerto, Marta fala sobre a sua experiência pessoal com o ex-marido António, que pouco a ajudou a cuidar do filho, apontando para o facto de que se esforçou e foi forte o suficiente para cuidar bem do filho sozinho. Assim,

Marta simboliza as muitas mulheres que não tiveram a ajuda do companheiro para cuidar das crianças de ambos, mas esforçaram-se, dedicaram-se e, apesar das dificuldades, conseguiram criar os seus filhos sem a figura paterna presente.

Apesar da mulher ter sido gradualmente inserida no mercado de trabalho a partir dos anos 60 do século XX e, muitas vezes, ter de trabalhar fora de casa tantas horas como o marido, a responsabilidade de cuidar dos afazeres domésticos e dos filhos ainda é imputada a elas. Isso ocorre devido ao facto de que a sociedade ainda permanece machista na divisão de tarefas e deveres e são poucos os maridos que colaboram com as esposas, o que torna as mulheres demasiado sobrecarregadas, como a autora aponta em *Passagens*.

A maternidade

A maternidade é um dos temas mais abordados em *Passagens*, emergindo de diálogos referentes a Ana e a Marta. No decorrer do romance, as personagens falam acerca da maternidade de um modo reflexivo, de forma a levar os leitores a refletirem também sobre o assunto.

Pouco antes de o corpo de Ana ser cremado, é-lhe feita uma homenagem em que se ressalta o quão boa mãe ela foi e o quão importante é o papel da mãe na sociedade, conforme se pode verificar no seguinte excerto:

Tornam-se tão vulneráveis e tão ligadas a nós que se morrermos morrem também connosco, mesmo que continuem a viver. Se formos infelizes elas também são, se a vida nos maltratar também as maltrata (...) Esquecem-se [as mães] de se amar suficientemente a si próprias mas quase nunca se esquecem de nos dar o primeiro lugar nas suas vidas. (Gersão, 2014:175).

O excerto é uma homenagem feita a Ana, mas que se amplia a todas as mães que, amando os seus filhos, abdicam de demasiadas coisas nas suas próprias vidas para se poderem dedicar à maternidade.

Outra questão social da pós-modernidade presente em *Passagens* é o facto de que o interesse pela maternidade diminuiu em grande proporção nas últimas décadas, ao mesmo tempo que o interesse por animais de estimação aumentou: “Cada vez há menos nascimentos, o mundo não é um bom lugar para crianças. Mas há mais interesse em animais, são mais amados do que as crianças, hoje em dia.” (Gersão, 2014: 44). Assim, o livro apresenta uma reflexão crítica sobre a sociedade atual. Efetivamente, após os avanços na questão dos direitos e na aquisição de maiores liberdades que as mulheres conquistaram a partir dos anos 60 - especialmente, a inserção no mercado de trabalho -

houve a diminuição do interesse e da disposição para a maternidade. Por outro lado, os animais de estimação nunca foram tão almeçados e bem tratados como são na atualidade, a ponto de, nos lares portugueses, já haver mais animais de companhia do que crianças (Petronilho, 2019: s/p).

O romance aponta, também, para o facto de que ser mãe não é um dom com o qual toda a mulher é agraciada assim nasce. Nem todas as mulheres possuem um forte instinto maternal e nem todas sabem como lidar e agir no que diz respeito à maternidade:

Agora o seu trabalho é tratar da criança. Procure auxílio, se estiver cansada. A mãe, a sogra, a tia, a prima, as amigas, a mulher-a-dias. Uma mulher-a-dias extra, ou mesmo uma enfermeira ou uma puericultora, se puder pagá-la. Alguém especializado, que lhe ensine a ser mãe. É algo que se treina, claro. Não se nasce ensinado nem é um instinto tão inato como em geral se julga, é natural que se sinta angustiada e incompetente (...) (Gersão, 2014: 57).

Como pode verificar-se pelo excerto supra, a obra rompe com o pensamento do senso comum, segundo o qual todas as mulheres nascem com o instinto materno. As falas da personagem expressam o real sentimento da mulher que se depara com as dificuldades e inseguranças decorrentes da maternidade e que se sente angustiada e incompetente por não conseguir ser como as mães perfeitas idealizadas pela sociedade.

Outra realidade exposta no romance é a de que a maternidade apresenta muitos aspetos negativos, rompendo com a sua visão romantizada que vê a maternidade como algo essencial para a completude da vida da mulher e o maior dos objetivos da sua vida. O seguinte excerto do romance apresenta esse tema:

E uma mãe a cuidar, porque já agora também eu tenho direito a um pouco de atenção e conforto, e até de carinho reforçado, afinal de contas fui eu que andei enjoada e a vomitar nos primeiros meses, tive de vender carradas de sono para sair da cama e ir trabalhar, porque a gravidez também é isso, enjoos, cansaço e sono, e logo por azar o café é das primeiras coisas que enjoamos (...) (Gersão, 2014: 52).

Durante muito tempo, a maternidade foi considerada o maior objetivo da vida da mulher, sendo no Ocidente a Virgem Maria o maior símbolo e exemplo de mãe. No entanto, as dificuldades e sofrimentos da maternidade sempre foram assuntos tabus, evitados para que não houvesse a profanação da quase sagrada maternidade.

A literatura tem desempenhado um importante papel de quebra de tabus, uma vez que apresenta temas não tão agradáveis, como os aspetos negativos da maternidade, de forma artística e não brutal, com um discurso formalmente marcado. Isso acontece devido ao facto de o leitor ser induzido a colocar-se no lugar da personagem e poder compreender os seus conflitos psicológicos e dilemas pessoais e sociais.

Apesar de apresentar uma crítica à idealização romântica da maternidade, o romance *Passagens* também apresenta a grandeza e singularidade da experiência da maternidade, como é verificado no seguinte excerto:

E depois o teu filho nasce, no momento em que sentes que vais morrer porque não aguentas mais a dor, de repente abres-te ao meio, ou rasgam-te ao meio, e o teu filho aí está, no meio de sangue, urina, fezes, gritos, e alguém lhe corta com uma tesoura o cordão umbilical e o coloca sobre o teu ventre, agora do lado de fora, enquanto tu respiras de alívio, transpirada e feliz, e depois de gritar a criança aninha-se e sossega, ainda manchada de sangue e de líquido amniótico, encostada a ti. (Gersão, 2014: 54).

Passagens aborda o tema da maternidade de forma realista, apontando as suas maiores dificuldades e dores, assim como os seus encantos. A maternidade é apresentada como uma experiência única e grandiosa, mas que também possui diversos aspetos não tão agradáveis, e que não podem deixar de ser abordados e discutidos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a ajuda do arcaboço teórico foi possível ampliar a compreensão de *Passagens*, um romance contemporâneo que discute questões relevantes da atualidade, apresentando uma elevada qualidade estética. O romance é construído, principalmente, por memórias que possibilitam revisitar acontecimentos do passado e compreender lacunas da história familiar. Um dos temas mais importantes do romance é o fingimento quotidiano que faz parte da vida da maioria das pessoas e que funciona como uma tentativa de ser melhor aceite pela sociedade e de escapar da brutal realidade da vida. Outro tema importante do romance é a identidade, que é apresentada como multifacetada e fragmentada, tal como Stuart Hall a teorizou. Além disso, o romance mostra alguns dos principais dilemas da mulher na contemporaneidade, apontando para o facto de que a sociedade ainda não está totalmente liberta do pensamento machista.

Resta dizer, em suma, que a análise de *Passagens* de Teolinda Gersão é de elevada importância não apenas pela sua qualidade estética, mas também por abordar de forma artística temas tão atuais e prementes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Butler, J. (2003). *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade* (R. Aguiar, Trad.). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Gersão, T. (2014). *Passagens*. Porto: Sextante.
- Hall, S. (2006). *A identidade cultural na pós-modernidade* (T. T. da Silva & G. L. Lopes, Trans.). Rio de Janeiro: DP&A Editora.
- Petronilho, A. (2019). “Em casa já temos mais animais do que crianças.” *Fundação Francisco Manuel dos Santos*. Disponível em <https://www.ffms.pt/pt-pt/atualmentes/em-casa-ja-temos-mais-animais-do-que-criancas>
- Ricoeur, P. (1997). *Tempo e narrativa* (R. L. Ferreira, Trad.). São Paulo: Papirus.
- Showalter, E. (1985). *A literature of their own: British women novelists from Brontë to Lessing*. New Jersey: Princeton University Press.
- Silva, A. P. D. (2015). Aspectos psíquicos de personagens da literatura contemporânea de autoria feminina: Dependência, vingança, solidão. *Revista Terceira Margem, Série III, (jan./jul.)*, 47–69. Disponível em <http://www.revistaterceiramargem.com.br/index.php/revistaterceiramargem/article/view/11>
- Soares, M. L. C., Luís, C. X., & Rita, A. (Eds.). (2023). *Revista de Letras UTAD: Teolinda Gersão – 40 anos de vida literária* (Série III, Vol. 1, n.º 7). Vila Real: UTAD.
- Zolin, L. O., & Bonnici, T. (2012). *Teoria literária – Abordagens históricas e tendências contemporâneas*. Maringá: Eduem.